

Empoderamento.

Jeremias: Pele, de Rafael Calça e Jefferson Costa

Guilherme Smee

Rafael Calça e Jefferson Costa são dois expoentes dos quadrinhos nacionais. O primeiro escreveu a elogiada e premiada *Jockey* e o segundo é desenhista de várias publicações de grande desempenho no espaço nacional como *La Dansarina* e *A Dama do Martinelli*. Ambos possuem uma carreira em diversos tipos de mídia narrativa, por isso, eles têm noção de que a representação é um fator muito forte para as minorias sociais. Mas, mais do que isso, Rafael e Jefferson se identificam como negros - algo não muito fácil num Brasil onde isso é mascarado. Por isso, escrever a *Graphic MSP* - linha de *graphic novels* que reimagina os personagens criados por Mauricio de Sousa - do único personagem negro dos *Estúdios MSP*, precisava, urgia, de que fosse produzida por pessoas que se identifiquem desta maneira.

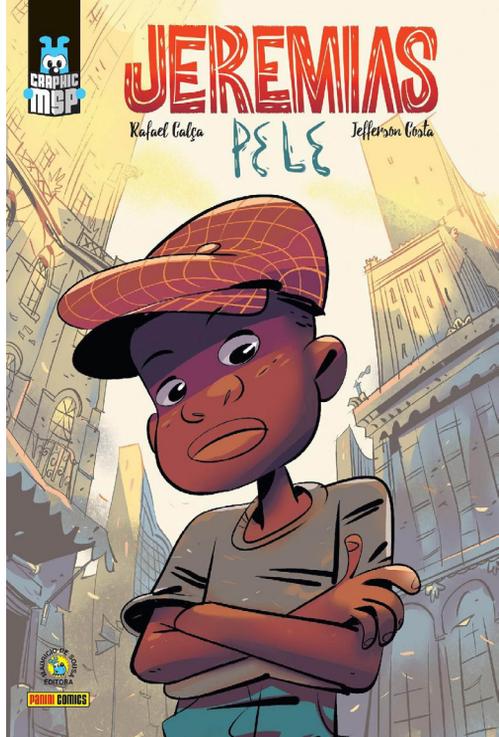
Empoderamento, é um conceito que certamente nos últimos tempos, anda nas bocas e anda nos becos das pessoas. Contudo, a grande maioria das pessoas que se utiliza dessa expressão não sabe exatamente do que está falando quando fala em empoderamento.

Guilherme "Smee" Sfredo Miorando é Bacharel em Publicidade e Propaganda pela PUCRS; Especialista em Imagem Publicitária pela PUCRS e Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela UNILASALLE. Email: guilhermesmee@gmail.com

No livro “O Que é Empoderamento?” de Joice Berth, - que faz parte de uma linda coleção que também contém “O Que é Lugar de Fala?”, de Djamila Ribeiro -, aprendemos três lições principais e importantes:

1) Ninguém dá empoderamento a ninguém, principalmente o grupo opressor para o oprimido, como uma atitude paternalista. O empoderamento deve ser conquistado pelo oprimido e, pelo mesmo, deve ser espalhado pela sua comunidade. O opressor nunca pode falar pelo oprimido (daí o lugar de fala). Em *Jeremias: Pele*, o personagem principal encontra o seu poder, escondido dentro de si e na força que sua família demonstrou ao longo dos anos. Como, por exemplo, quando o pai dele é detido por uma força policial (uma cena ousada para uma publicação do tipo) e precisa mostrar a carteira de trabalho para mostrar que negro não é sinônimo de vagabundo.

2) Existem ações de empoderamento puramente comerciais, que não visam o bem da comunidade, mas sim a perpetuação do poder e dos meios para obtê-lo para os mesmos possuidores do poder sociocultural. Por esse tipo de ações é que a palavra empoderamento se tornou banalizada e foi apropriada como xingamento por partes dos detratores das minorias sociais. O fato da editora estadunidense Marvel Comics mudar a etnia dos seus personagens *não* é empode-



ramento. Pode ser representatividade, mas não é empoderamento. Mesmo as pessoas que são contra o racismo também caem neste ato falho. Vale citar que a *graphic novel* em questão fala da importância da representatividade nas revistas de heróis.

3) Por fim, como tudo aquilo que é “trans”, e que significa processo, e no caso do empoderamento, transculturalismo é uma mudança, que deve ser exercida constantemente e não deve acabar. É uma mudança que deve acontecer da comunidade das minorias sociais para dentro e, a partir daí, para fora. O empoderamento não é um fim, é um meio. E esse empoderamento pode e deve ser feito através das representações na mídia, por exemplo, que dedica pouco espaço para as minorias sociais, em especial para as mulheres negras, que são o foco deste livro. Daí a importância de *Jeremias: Pele*. Ele é feito por dois homens que se consideram negros, abrange uma miríade de situações e fatos que os negros precisam encarar todos os dias e que, acredito, nenhuma outra história em quadrinhos tenha abordado de uma forma tão imensa.

Um caso de nota é o fator do cabelo. Ao tentar fazer carinho na cabeça de vários amigos meus, que se declaram negros, já me repreenderam: “não se toca nos cabelos de um negro”. Nesse caso, a falta de autoestima e de representações da beleza do cabelo afro/pixaim é tão negativa, que algumas pessoas creem que seu cabelo não é fator de admiração, que não merece um carinho, um afago. Isso é algo terrível. Malcolm X, um dos grandes pensadores negros, e inimigo dialógico de Martin Luther King perguntava: “Quem te ensinou a odiar seu cabelo, seu nariz, a cor da sua pele?”. “Ele está perguntando, de uma forma mais específica quem te ensinou a odiar sua imagem ou

sua aparência. Ou, mais especificamente, quem acabou com a sua possibilidade de amar a si mesmo através daquilo que pode ser visto?” (BERTH, 2018, p. 100).

Na história em quadrinhos em questão, Jeremias sente problema com o cabelo. Por isso, decide tosá-lo. Seu cabelo fica destruído, sem composição. Então Jeremias decide vestir a boina de seu avô. É nesse momento, que a dilapidação da autoimagem acaba reconstruindo a autoimagem, ao assumir os aspectos estéticos herdados por sua família. A comunidade negra possui o costume de criar um aspecto de cooperação, solidariedade e de representação. Jeremias tomou o avô como exemplo e, mais tarde, quem vai lhe servir de exemplo é o chefe negro de Astronauta, na BRASA.

“Parece-me, então, muito coerente os discursos e narrativas de enfrentamento do racismo vigente que exaltam os cabelos como elemento do orgulho racial, pois amá-los significa cuspir de volta para a boca do sistema racista todas as ofensas, rejeições, exclusões que nos são direcionadas ao longo de uma vida (BERTH, 2018, p. 95).

O pai de Jeremias fala que, nesse mundo, você tem que criar uma casca e ser duas vezes mais forte e melhor que as outras pessoas para sobreviver e conseguir respeito. É isso. Mas não é só isso. Cascas deixam as pessoas insensíveis e o uso da força física não leva a nada. É preciso acumular sim, conhecimento sobre as falhas - das pessoas e da sociedade - e tentar criar pontes e não cascas, embora sempre tenhamos de bater de cabeça no muro da falta de respeito e da falta de educação e ética entre as pessoas.

Jeremias: Pele, traz os dois movimentos do empoderamento, que podem ser encontrados nos pressupostos da pensadora americana Patricia Hills Collins para esse movimento da cultura: autodefinição

e autoavaliação. Os dois autores, negros, autodefinem a sua própria condição, trazendo, assim, até suas experiências de vida e de exclusão, ao mesmo tempo que autoavaliam as formas como os negros são vistos pela sociedade opressora e, pelos próprios negros, como quando uma mulher branca prefere ficar em pé no ônibus do que sentar ao lado de Jeremias no banco vago.

Na própria introdução de *Jeremias: Pele*, Mauricio de Sousa disse que corrigia um erro histórico, que era dar a Jeremias sua própria revista. Ao mesmo tempo que confessa que essa *graphic novel* gerou um rebuliço nos *Estúdios MSP* e que “daqui pra frente, estaremos mais atentos à realidade que nos cerca”. Por isso, o empoderamento é algo trans, vem do indivíduo e vai para a sociedade, mas também vem da sociedade e vai para o indivíduo. “Empoderamos a nós mesmos e amparamos outros indivíduos em seus processos, conscientes de que a conclusão só se dará pela simbiose do processo individual com o coletivo” (BERTH, 2018, p. 130).

Portanto, talvez *Jeremias: Pele* seja o trabalho mais significativo desenvolvido na coleção das *Graphic MSP*. Isso porque essa história em quadrinhos busca um posicionamento social. Ela luta, mas não como os super-heróis, na base da violência, mas na conquista de direitos e de lugares de representação verossímil. Ela não briga para conseguir vender mais dentro do “comprar para vender” ou por trazer desenhos bonitinhos e gerarem uma identificação vazia que não agrega uma mudança social e real. Essa mudança deveria ser um dever nos meios de comunicação sociais - e principalmente aqueles de grande alcance e de grande circulação como a *Turma da Mônica* têm. Finalmente Mauricio de Sousa se propôs a abraçar esse tipo de causa junto às mais diversas que ele já abraçava, mas que não eram

de cunho social. Como diz Emicida no posfácio: “chega de atrasos”. Existem inúmeras causas sociais que os quadrinhos da *Turma da Mônica* ainda não abraçaram e continuam a ignorar como se o século XXI não batesse à sua porta.

Referências

BERTH, Joyce. O que é empoderamento? Coleção Feminismos Plurais. Belo Horizonte: Letramento, 2018.

CALÇA, Rafael. COSTA, Jefferson. *Jeremias: Pele*. Graphic MSP. Barueri, SP: Panini Comics, 2018.